

COLÉGIO PEDRO II
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura
Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora

Marcelo Miguez da Conceição

**A CRIAÇÃO DE ZONAS DE INDETERMINAÇÃO NA
VELHICE A PARTIR DE VIVÊNCIAS PSICOMOTORAS:**
memórias em movimento

Rio de Janeiro
2025

Marcelo Miguez da Conceição

**A CRIAÇÃO DE ZONAS DE INDETERMINAÇÃO NA VELHICE A PARTIR DE
VIVÊNCIAS PSICOMOTORAS:**
memórias em movimento

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Orientadora: Professora Dra. Cristie Campello de Moraes

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C744 Conceição, Marcelo Miguez da
A criação de zonas de indeterminação na velhice a partir de vivências psicomotoras : memórias em movimento / Marcelo Miguez da Conceição. – Rio de Janeiro, 2025.

21 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Cristie Campello de Moraes.

1. Educação psicomotora – Estudo e ensino. 2 Psicomotricidade. 3. Memória. 4. Bergson, Henri, 1859-1941. 5. Envelhecimento. 6. Corpo e movimento. I. Moraes, Cristie Campello de. II. Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**A CRIAÇÃO DE ZONAS DE INDETERMINAÇÃO NA VELHICE A PARTIR DE
VIVÊNCIAS PSICOMOTORAS:**

memórias em movimento

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Orientadora: Professora Dra. Cristie Campello de Moraes

Aprovado em: 01/07/2025.

Banca Examinadora:

Dra. Cristie Campello de Moraes (Orientadora)
Colégio Pedro II

Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer
Colégio Pedro II

Me. Laryane Carvalho Lourenço da Silva
Instituto Anthropos de Psicomotricidade

Rio de Janeiro
2025

A CRIAÇÃO DE ZONAS DE INDETERMINAÇÃO NA VELHICE A PARTIR DE VIVÊNCIAS PSICOMOTORAS: memórias em movimento

Marcelo Miguez da Conceição

Resumo: O presente artigo explora a criação de "zonas de indeterminação" na velhice através de vivências psicomotoras na Oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória da UNATI (NUCEH-UERJ). Inspirado pela filosofia de Henri Bergson, o estudo investiga como atividades que envolvem memória, arte e movimento podem desautomatizar comportamentos e padrões emocionais em pessoas velhas, promovendo alegria e liberdade. Através de estudos de caso detalhados, o presente artigo demonstra como o trabalho sobre a memória pode ressignificar e cultivar vitalidade. A pesquisa, que combina as abordagens cartográfica e narrativa, conclui que a Psicomotricidade oferece um caminho valioso para a autonomia e o bem-estar na velhice, desafiando estereótipos e revelando a capacidade dos velhos de se reinventarem. Como fontes bibliográficas, o artigo apresenta conceitos advindos de Bergson e autores da Psicomotricidade como: Aucouturier, Lapierre, Campello e Ribas, cujas obras enriqueceram a análise com perspectivas específicas sobre o desenvolvimento psicomotor e a intervenção a partir da Gerontopsicomotricidade.

Palavras-chave: Psicomotricidade; memória; Henri Bergson; envelhecimento.

CREACIÓN DE ZONAS DE INDETERMINACIÓN EN LA VEJEZ A PARTIR DE VIVENCIAS PSICOMOTORAS: memorias en movimiento

Resumen: El presente artículo explora la creación de "zonas de indeterminación" en la vejez a través de vivencias psicomotoras en el Taller de Psicomotricidad, Arte y Memoria de la UNATI (NUCEH-UERJ). Inspirado por la filosofía de Henri Bergson, el estudio investiga cómo actividades que involucran memoria, arte y movimiento pueden desautomatizar comportamientos y patrones emocionales en personas ancianas, promoviendo alegría y libertad. A través de estudios de caso detallados, el presente artículo demuestra cómo el trabajo sobre la memoria puede ressignificar y cultivar vitalidad. La investigación, que combina los enfoques cartográfico y narrativo, concluye que la Psicomotricidad ofrece un camino valioso para la autonomía y el bienestar en la vejez, desafiando estereotipos y revelando la capacidad de los ancianos de reinventarse. Como fuentes bibliográficas, el artículo presenta conceptos provenientes de Bergson y autores de la Psicomotricidad como: Aucouturier, Lapierre, Campello y Ribas, cuyas obras enriquecieron el análisis con perspectivas específicas sobre el desarrollo psicomotor y la intervención a partir de la Gerontopsicomotricidad.

Palabras-clave: Psicomotricidad; memoria; Henri Bergson; envejecimiento.

1 INTRODUÇÃO

Não sou o mesmo de antes. Modifico-me na força do encontro do presente com o passado e o futuro. Esta pesquisa é sobre isso. O que não é a Psicomotricidade senão, dentre tantas outras coisas, a possibilidade de expandirmos nossa subjetividade, nosso corpo, nossas emoções no fluxo dos afetos? Na potência do encontro com outras gerações fui e vou ampliando meu repertório de vida e descobrindo que existir é muito mais do que o eu e pode ser muito mais o nós, sem jamais desconsiderar quem vou sendo em um gerúndio permanente até o fim, quando somente restará a memória dos afetos e marcas deixadas em alguém por meio das minhas ações, daquilo que criou uma imagem, um sentimento, uma emoção, uma percepção impregnados naqueles dos quais eu pude fazer parte da vida. Começo a falar, deste modo, sobre a minha participação como estagiário na Oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória, ministrada pela Professora Dra. Cristie Campello, na UNATI (Universidade aberta da terceira idade).

O Núcleo do Envelhecimento Humano chamava-se, antes de sua atual nomenclatura (NUCEH-UNATI-UERJ) alçando-o ao status de núcleo, Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI). Caminhando pelos corredores da instituição é possível perceber que este último ainda é o nome de referência para os alunos das mais de 70 oficinas oferecidas no espaço. O motivo disso, presumo eu, reside no fato de que sentir-se pertencente a uma Universidade reinsira a pessoa velha¹ no jogo social de uma sociedade que insiste em excluí-la.

A UNATI foi idealizada pelo Professor Dr. Américo Piquet Carneiro, este não pôde acompanhar sua inauguração pois faleceu um ano antes, em 1992. Dessa forma, a Universidade Aberta da Terceira Idade foi inaugurada em 1993 sob a direção do Professor Dr. Renato Peixoto Veras. São mais de 30 anos de prestação de serviço aos cariocas.

Além das oficinas, existe na UNATI um espaço ambulatorial, oferecendo um cuidado sobre a saúde, levando em consideração aspectos físicos, emocionais, mentais, culturais e sociais de cada sujeito. Trata-se de um espaço de convivência, ensino, pesquisa e extensão que congrega cidadãos de diversas naturezas, dentre eles: universitários, pessoas com mais de sessenta anos ou pessoas da cidade do Rio de Janeiro em geral, onde podem vivenciar uma troca intergeracional riquíssima em prol do pesquisar e do experienciar genuinamente o envelhecer humano.

Dentro da UNATI, a Oficina Psicomotricidade, Arte e Memória, ministrada pela professora Cristie Campello, possui quase 30 anos; nas palavras da própria autora: “[...] trabalhamos com a arte do cinema, do teatro e da música para motivar os aspectos expressivos e criativos e com as memórias dos velhos. [...]” (Campello, p. 19, 2021). E é bem isso que acontece. Como testemunha dessa experiência no ano de 2024, afirmo o quanto é encantador poder acompanhar os corpos vibrantes e dançantes dos velhos² em completo estado de vitalidade e ludicidade animados com vigor e uma explosiva empolgação corporal pela afinada e atenta batuta de Campello.

¹ O Estatuto da pessoa idosa determina que são consideradas pessoas idosas os sujeitos com 60 anos ou mais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em 1 de maio de 2025.

² Neste ponto, emprego o termo "velho" como forma de resistência, inspirado pela indagação de Butler sobre o uso de termos ofensivos contra minorias como resposta aos próprios agressores, com o objetivo de desarticular seus discursos. Nas palavras da autora: “[...] como se explica que aqueles que são abjetos cheguem a fazer suas reivindicações por meio de e contra os discursos que buscaram repudiá-los?” (Butler, 2019, p. 33).

A admiração dos alunos em relação à professora é notável, expressa pelos abraços carinhosos e elogios direcionados à docente. Existe entre eles um profundo vínculo sustentado por anos de trabalho em coletividade, algo extremamente importante para a criação de um espaço propício para se acessar um *asseguramento*³ (Aucouturier, 2011) onde os partícipes de uma experiência psicomotora possam passar por uma transformação singular e se sentirem protegidos.

Iniciei minha aproximação da UNATI por meio do curso de Pós-Graduação em Educação Psicomotora do Colégio Pedro II, onde a professora Cristie Campello ministra aulas da matéria Prática Psicomotora, possuindo como tema norteador, sobretudo, a relação entre Memória e Psicomotricidade. Através desse contato com a docente, pude aprofundar meu conhecimento sobre a filosofia bergsoniana e sua abordagem relativa à Memória e dialogar com o campo epistemológico da área da Psicomotricidade que versa sobre a relação entre a Memória e o Corpo, tomando como referencial teórico o filósofo da diferença: Bergson.

Outro fator chamou minha atenção. Campello sempre guia suas aulas com alegria e entusiasmo. Enorme foi o meu encantamento quando descobri que a Alegria é trabalhada pela professora enquanto um princípio norteador de seu trabalho. Ela compreende a alegria “[...] como força, como a exigência de uma aventura, como uma categoria filosófica por excelência” (Campello, 2018, p. 143).

No ano de 2024, decidi fazer meu estágio obrigatório da Pós-Graduação na Oficina Psicomotricidade, Arte e Memória e, depois de uma inspiradora experiência, senti o desejo de falar sobre ele no Trabalho de Conclusão de Curso. Foi também nas vivências da Oficina que a Gerontopsicomotricidade, abordagem da Psicomotricidade dedicada à intervenção, reabilitação e prevenção psicomotora em indivíduos com sessenta anos ou mais, me foi apresentada. Imediatamente me apaixonei por essa área.

Esta pesquisa está fundamentada metodologicamente nos modelos de pesquisa cartográfica e narrativa. O trabalho está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentei uma introdução pessoal e reflexiva sobre minhas experiências como estagiário na oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória, contextualizando a Universidade da Terceira Idade e a importância da Oficina. Em seguida, reflito sobre o envelhecimento, a memória e o corpo a partir da filosofia de Bergson, explorando o conceito de "zona de indeterminação". Apresento três estudos de caso detalhados sobre experiências específicas com velhas na Oficina, demonstrando como a Psicomotricidade pode criar espaços de liberdade e transformação. Mediante a tudo isso, pergunto-me se pode o trabalho psicomotor com a pessoa velha a partir da memória, pautado na alegria e na liberdade, criar uma zona de indeterminação propondo uma desautomatização de comportamentos cotidianos e padrões emocionais? Que outros modos de ser e agir no mundo esse tipo de vivência pode proporcionar?

2 O EU, O OUTRO E O(S) NÓS NO ENVELHECIMENTO

³ Aucouturier (2011) denomina algumas brincadeiras de brincadeiras de asseguramento profundo, uma vez que estas têm como objetivo restabelecer para a criança um estado de prazer e conforto previamente experimentado. No caso da Oficina, podemos considerar as atividades lúdicas de dança ou performance no Palco como brincadeiras de reassseguramento, pois nelas os velhos podem girar, saltar, correr, balançar, buscando um reencontro com o prazer a partir de ações que rememoram sensações prazerosas já vividas.

Falar sobre o envelhecimento por meio de minhas vivências na UNATI trouxe algumas reflexões sobre o meu próprio envelhecimento. Fez-me pensar em como sonho viver a velhice. A partir dessa inquietação, escrevi o seguinte texto:

Quero o direito à velhice. Quero não sucumbir à ideia de não poder envelhecer em paz. Quero poder viver em uma sociedade na qual as marcas da pele não sejam motivo de vergonha, mas uma cartografia dos amores perdidos e vividos, das dores na carne e na alma e das alegrias que marcam os rostos com vincos. Quero viver em um mundo onde corpos velhos ainda possam fazer sexo sem vergonha. Quero não ser infantilizado por um sistema que compreende como inútil todos aqueles que não estão em seu período de reprodução. Quero poder contribuir para as novas gerações. Quero poder andar ao meio dia no ônibus com minha carteirinha de idoso sem que a arrogância da juventude diga: - Esses velhos só saem no horário de pico para atrapalhar as nossas vidas. Quero compartilhar os passos já dados e ainda estar aberto ao desconhecido. Quero ser uma bicha velha, uma maricona que circula seus afetos livremente.

Quero ser um velho que olha para a foto da criança raquítica no colo de sua mãe e vê um brilho no olhar do menino, próprio de quem desejou/deseja/desejará conhecer o mundo com mais profundidade. Quero uma velhice que olha para sua própria história e reconhece alguém que viveu e vive com intensidade. Goldenberg (2013, p. 26), em seu livro “A Bela Velhice”, diz assim:

Encontrei na obra de Simone de Beauvoir Inspiração para pensar sobre os sonhos e os projetos da criança que um dia fomos e que, de certa forma, continuaremos a ser até os nossos últimos dias.

Ela diz [Beauvoir] que todos mudam durante a vida, mas sem perder a identidade que já existia quando éramos crianças. As raízes, o passado, o ancoradouro do mundo permanecem. E é por meio deles que se definem os objetivos de um projeto de vida. Assim, não é possível inventar arbitrariamente projetos para si mesmo. É preciso que esses projetos estejam inscritos no passado de cada um como exigências a serem realizadas.

Tendo a não acreditar em uma essencialidade na vida. Para mim, o ser humano está em constante transformação e não sei bem se as experiências da infância se tornam exigências a serem realizadas no decorrer da existência, como diz Goldenberg. Prefiro acreditar nos acontecimentos da vida, bons ou ruins, como oportunidades para traçarmos projetos. Encontrei esta qualidade de velhice na Oficina da professora Campello. Estive, e estou, pois continuo como voluntário do projeto, aprendendo com velhos sonhadores vivendo com intensidade e alegria. Eles se reinventam diariamente. Por isso questiono se há exigências a serem cumpridas durante toda uma vida. Toda pessoa carrega dentro de si a potência de ser quem se é e de inventar quem ainda não foi. De acordo com Bergson (2019, p. 97),

[...] Cada um de nós, ao passar uma vista d'olhos retrospectiva por sua história, constatará que sua personalidade de criança, embora indivisível, reunia nela pessoas diversas que podiam permanecer fundidas entre si porque estavam em estado nascente: essa indecisão cheia de promessas é inclusive um dos maiores encantos da infância. Mas as personalidades que se interpenetram tornam-se incompatíveis ao crescer e, como cada um de nós vive uma vida só, é forçoso fazer uma escolha. Na verdade, escolhemos sem cessar e também sem cessar abandonamos muitas coisas. A estrada que percorremos no tempo juncada dos restos de tudo o que começamos a ser, de tudo o que poderíamos ter nos tornado. Mas a natureza, que dispõe

de um número incalculável de vidas, não está adstrita a semelhantes sacrifícios. Conserva as diversas tendências que bifurcaram ao crescer. Cria, com elas, séries divergentes de espécies que evoluirão separadamente.

Assim, pensando no trabalho no campo da Gerontopsicomotricidade, pergunto-me: podemos encontrar zonas de descoberta ainda na velhice? de maravilhamento? de assombro? Comumente ligamos, sobretudo em certa literatura da área da Psicomotricidade, a velhice ao processo de retrogênese “[...] que estuda, paralelamente, o desdesenvolvimento, o envelhecimento normal, a senescência e a longevidade dita saudável, bem assim a involução e a neurodegenerescência humana. [...]” (Fonseca, 2018, p. 24). Sim, vivemos nessa fase da vida modificações estruturais das funções físicas, neurológicas e biológicas, mas, se focarmos somente em certas *perdas* do corpo ao longo de sua história ontogenética (Ibidem, 2018, p. 25), não estaremos reduzindo a experiência da vida humana a déficits e ganhos, sendo esta tão complexa para além do ganhar ou perder funções e habilidades psicomotoras ao longo da vida? Onde ficam, nesse modo de pensar, as emoções, a subjetividade, os afetos, as sensações do aqui e agora ininterruptamente?

Nesse sentido, importa-me pensar em um devir-velho (Niquete, 2009), ou seja, atentar-me para além das perdas e ganhos psicomotores no envelhecimento. Quero, enquanto psicomotricista, encontrar estratégias para propor vivências com os velhos, privilegiando a compreensão de que mesmo na velhice permanecemos em constante atualização, em permanente cuidado de si por meio do trabalho sobre a “[...] subjetividade (subjetivação), como um modo, que se produz e transforma-se em meio à complexidade dos encontros [...]” (Ibidem, 2009, p. 152). A Oficina Psicomotricidade, Arte e Memória aponta para possíveis pistas ao encontro deste tipo de abordagem focada na potencialização da vitalidade dos participantes de uma vivência psicomotora a partir da memória.

Para melhor compreender a influência da memória na qualidade de vida durante o envelhecimento, recorro a Bergson (2011) ao afirmar possuímos diferentes tipos de memórias e que relacionamo-nos com o mundo por meio delas: a memória-hábito (referente às ações cotidianas apreendidas no corpo por meio da repetição) e a memória pura⁴ (que pode sugerir a sensação abrandada de uma memória passada em conexão com a percepção vivida no presente, atualizando-a). De acordo com Bosi (2004, p. 9),

Na tábua de valores de Bergson, memória pura, aquela que opera no sonho e na poesia, está situada no treino privilegiado do espírito livre, ao passo que a memória transformada em hábito, assim como a percepção “pura”, só voltada para a ação iminente, funcionam como limites redutores da vida psicológica.

De acordo com Bergson (2019), todos nós possuímos a capacidade de acessar nossa memória pura na qual todas as vivências avolumam-se ao longo de nossa existência e ficam armazenadas em nossos corpos.

⁴ Para que essa qualidade de memória seja acessada, Bergson sugere um certo nível de contemplação da vida, a experimentação de outros estados de duração diferentes dos automatismos desenfreios da vida cotidiana.

Assim, quando o sistema sensório-motor experimenta um acontecimento no presente e é estimulado por imagens⁵, estas podem ativar em nós, de maneira atualizada, a memória de uma sensação, imagem ou percepção já vivida. Nesse sentido, lembro-me de um trecho de Clarice Lispector, do livro “Água viva”, no qual a autora descreve o instante como,

Mas o instante já é um pirilampo que acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará em um imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero seu fluxo. (Lispector, 2019, p. 32)

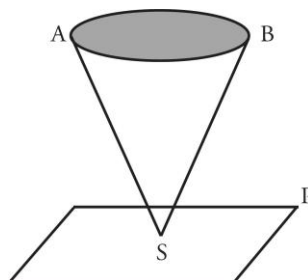
Trabalhando com a atenção voltada para a percepção e para a memória, compactuo com a descrição sensível de Lispector sobre a passagem dos átomos da vida. Não há como capturá-los, podemos apenas vivê-los. Entretanto, há imagens e sensações que duram em nós. Não há uma forma de capturar os instantes, mas de perceber o fluxo constante da vida e como seus instantes passam deixando marcas em um corpo em mutação. A filosofia de Bergson fala exatamente disso, sobre a constante transformação do sujeito no decorrer de sua existência, pois “[...] A mudança, se consentirem em olhar para ela diretamente, sem véu interposto, logo lhes aparecerá como o que pode haver de mais substancial e duradouro no mundo. Sua solidez é infinitamente superior à de uma fixidez [...]” (Bergson, 2019, p. 17). O intelectual propõe em sua literatura uma esquematização do tempo com o objetivo de ampliar a compreensão sobre as formas de existência e intensificar a experiência do viver. Matéria e espírito (consciência) atuam por meio do movimento, da ação, compreendidos como entidades não separadas. Razão e emoção são, portanto, interligadas e mutuamente relacionadas.

Bergson criou uma representação gráfica por meio do cone da memória⁶ (Bergson, 2011, p. 190) para exemplificar o funcionamento da memória. Ele apresenta uma forma cônica onde encontram-se as letras AB (correspondente à memória pura). À medida que ela vai se aproximando do plano da percepção “P”, por meio da sensação, ocorrem “[...] mil e uma repetições de nossa vida psicológica [...]” (Ibidem, 2019, p. 65-66). Ou seja, vivemos uma permanente atualização do presente através das memórias já encarnadas em nossos corpos enquanto suas imagens tocam o plano da sensação e provocam múltiplas percepções do aqui e agora (figura 1). Por isso o contato com a memória é inesgotável, pois há combinações dessas com o presente de maneira infinitesimal.

⁵ De acordo com Bergson (2011, p. 1-2), “[...] por ‘imagem’ entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa – uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação’”. Ou seja, imagem é tudo que existe, que circunda nossos corpos e, em alguns casos, pode nos tocar; é também tudo que existe por si mesmo, sem necessariamente precisar de nossa representação para existir. Indo um pouco mais além, “[...] Meu corpo é portanto, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe” (Ibidem, 2011, p. 14).

⁶ Representação iconográfica que Bergson criou para explicar como a memória opera na relação com a percepção.

Figura 1: Cone da memória



Fonte: site Razão Inadequada, 2020.

Esse movimento funilar é uma via de mão dupla onde a memória pura expande-se a partir do vivido (sensações e percepções) na atualidade e, simultaneamente, o vivido na atualidade, em relação com a memória, pode sugerir à pessoa múltiplas possibilidades de agenciamento no presente. Portanto, estamos falando de uma relação dinâmica com a memória e não somente referindo-nos a ela como algo do passado. A memória é atualizada pelas imagens acessadas no campo da percepção. Somos um corpo de memória em constante expansão e multiplicação até o momento de nossa morte. Por isso, repito, atrevo-me dizer ser apequenado enxergar o corpo envelhecido somente pela ótica das perdas e faltas no passar do tempo, pois, como podemos observar a partir da filosofia bergsoniana, o corpo está sempre em transformação atualizando permanentemente suas vivências. Além disso, se levarmos em consideração o tempo de memória vivida em um corpo de 60, 70, 80 ou 90 anos, podemos inferir que as possibilidades de recombinações podem ser ainda mais aprofundadas, dado o vasto repertório em pessoas com 60 anos ou mais. É importante salientar que isso não é via de regra. A expansão desse corpo perceptivo e da memória se dá a partir da disponibilidade deste em saborear, cheirar, escutar, ver e tatear a vida. Podemos viver toda uma vida escravizados pelo automatismo e distanciados da experiência do viver, tornando nossas sensações e representações empobrecidas.

Apesar da imensa potencialidade do corpo humano em reinventar-se e gerar um vasto repertório de ações sobre o mundo, “[...] Nossa liberdade, nos próprios movimentos pelos quais se afirma, cria os hábitos nascentes que a asfixiam caso não se renove por um esforço constante: o automatismo espreita-a.[...]” (Bergson, 2019, p. 13). O capitalismo tardio e o neoliberalismo compreenderam bem como funciona essa dinâmica automatizadora sobre os nossos corpos. A economia da atenção⁷ trabalha exatamente por esse viés em que, atualmente, absolutamente tudo pode ser eminentemente capturado pelas forças invisíveis do poder do mercado, pois

⁷ A economia da atenção é um conceito que se refere a como a atenção das pessoas é disputada e utilizada no capitalismo contemporâneo, caracterizado por um excesso de estímulos e informações que acabam provocando atitudes impulsivas e compulsivas nos indivíduos. Quanto mais se coopta a atenção do público-alvo, mais aumentam as chances de ganhos financeiros das marcas através das publicidades veiculadas nos mais diversos meios de comunicação e interação.

Os mecanismos diversos pelos quais se exercem esses poderes são anônimos, esparramados, flexíveis. O próprio poder se tornou pós-moderno. Isto é, ondulante, acentrado (sem centro), em rede, reticulado, molecular. Com isso, o poder, nessa sua forma mais molecular, incide diretamente sobre as nossas maneiras de perceber, de sentir, de amar, de pensar, até mesmo de criar. (Pelbart, 2007, p. 57)

Esse tipo de poder mecaniza nossos afetos, despotencializa os processos vitais e enredam os seres humanos em lógicas mortificantes nas quais estar vivo resume-se em permanecer horas a fio rolando o *feed* de uma rede social qualquer com o dedo indicador, ou, este mesmo poder – em nome da medicina, da ciência e da família – determina como os velhos devem se portar, o que, quando e como viver.

Por habitarem a faixa etária menos produtiva economicamente, os velhos acabam ocupando uma marginalidade social onde são severamente controlados pelas diversas instituições às quais são tutelados (família, hospital, Estado...), tentando fazer com que seus corpos permaneçam enclausurados e exijam a menor dedicação possível. Contudo, como no capitalismo a captura de tudo em prol do lucro é um *modus operandi*, o envelhecimento já vem se tornando um mercado. Portanto, vivemos uma dupla força que oferece algum protagonismo às pessoas velhas ao mesmo tempo que as tornam consumidoras em potencial.

Percebo nos velhos a necessidade da convivência, da pura troca de diálogo com pessoas disponíveis a escutá-los sensivelmente. Esse tipo de abordagem somado a um trabalho do e no corpo expandem a capacidade de ações deles no mundo.

Bergson postula que a liberdade nas escolhas das ações está relacionada à expansão da zona de indeterminação. Esta zona representa o intervalo entre o recebimento de estímulos do ambiente (através dos nervos aferentes, que levam a informação ao cérebro por meio da medula espinhal) e a resposta voluntária, planejada e executada através dos nervos eferentes (Bergson, 2011, p. 13). A ampliação dessa zona de indeterminação ocorre por meio do alargamento da memória através das experiências perceptivas e sensitivas do corpo, o que, por sua vez, enriquece o repertório motor (ou psicomotor) do indivíduo. Nesse sentido, em busca de uma maior autonomia e liberdade no envelhecer, torna-se evidente a necessidade de intervenções focadas na desautomatização das ações. Tratando-se disso, a Psicomotricidade se apresenta como uma área com contribuições singulares, pois, além de ampliar a subjetividade (o que áreas como a Psicologia ou Psicanálise se propõem a fazer), busca expandir a atuação do sujeito no mundo através do movimento.

3 CRIAÇÃO DE ZONAS DE INDETERMINAÇÃO POR MEIO DE EXPERIÊNCIAS PSICOMOTORAS NA OFICINA DE PSICOMOTRICIDADE, ARTE E MEMÓRIA

Uma vez por mês, o auditório 93 do Campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro se enche de velhos ávidos por saber o que vai acontecer. A afetividade é a marca registrada do grupo. Quando me tornei estagiário da Oficina, cheguei aos poucos, consciente da importância da criação de vínculo para o início da experiência psicomotora. Estava chegando em um território já habitado durante anos por muitas daquelas pessoas. Por isso, fiz como diz a música de Dona Ivone Lara: “*Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho / Mas eu vim de lá pequenininho / Alguém me avisou pra*

pisar nesse chão devagarinho/ Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho [...]”. Com o tempo, conquistei meu espaço entre os alunos da Oficina e, por consequência, recebi e ofereci afetos.

Desenvolvemos um forte laço de carinho. Aos poucos, a partir dos abraços, toques, diálogos, escuta, disponibilidade, foi se estabelecendo um grau de empatia tônico-emocional entre nossos corpos – o que, às vezes, eles não encontram na vida social. Desse modo, “[...] A atitude de escuta supõe uma empatia tônica, que requer um ajuste muito profundo ao nível tônico. É uma maneira de receber o outro, de aceitar e de perceber as harmonias emocionais como expressão de uma experiência única [...]” (Aucouturier, Darrault e Empinet, 1985, p. 46 *apud* Ribas, 2020, p. 198). Desse modo, pergunto-me constantemente como receber os velhos e velhas de maneira genuína corporalmente para que eles sintam o afeto que estou lhes oferecendo e, por outra via, eu sinta os afetos deles direcionados a mim. Podemos, dessa forma,

Situar a empatia tônico-emocional como a espinha dorsal da ajuda [...] pela pretensão de estabelecer uma relação simétrica e especular, em que a qualidade do acompanhamento permita ao sujeito confiar no outro para manifestar sua expressividade motora. Acentuar o ajuste tônico do praticante a respeito da expressividade psicomotora [...] em suas ações e produções [...] é uma escolha decisiva, uma vez que torna cada sujeito o ator e agente do seu próprio processo educativo ou clínico [...] (Ribas, 2020, p. 198).

Sentindo esses afetos intensos trocados antes, durante e depois dos encontros, começaram a surgir múltiplas histórias pessoais contadas pelos velhos (algumas são repetidas inúmeras vezes). Desse modo, como psicomotricista, fico atento a afinar a minha escuta.

Na Oficina, os velhos são convidados a ocupar o Palco⁸, que desempenha um papel importante, pois “[...] pode ser interpretado como um processo vital e artístico, em que os velhos transformam suas vidas cotidianas e são tomados de entusiasmo e alegria [...]” (Campello, 2021, p. 101). Nele, os velhos são convidados pela professora a uma metamorfose por meio da qual podem encarnar uma persona (um artista ou um personagem de cinema/teatro admirado por eles) por meio da interpretação, da dança e do canto. Para a autora, esse Palco é clínico⁹, portanto, é “[...] onde atuam, cantam, dançam, renovam suas memórias e esquecem a vida cotidiana, deixando de lado muitas das suas antigas lembranças que, conforme o depoimento de muitos deles, é dura, rotineira, tediosa.” (Ibidem, 2021, p. 95). Se lermos este espaço a partir de uma chave bergsoniana, tomando como base a afirmação de Campello sobre a transformação de uma vida cotidiana, podemos inferir que este é um espaço de desautomatização de hábitos do dia-a-dia onde os velhos se disponibilizam a experimentar uma outra dimensão de duração do tempo.

Mediante este breve relato sobre como se deu o meu aprofundamento dos vínculos com os alunos da Oficina e uma pequena explicação sobre a relevância do Palco na Oficina, destaco a seguir três momentos que considero serem experiências

⁸ De acordo com Campello, o Palco é apresentado como substantivo próprio devido a importância que ele ocupa na Oficina. (Campello, 2021, p. 101).

⁹ Nas palavras de Campello: “[...] o Palco da Oficina como um espaço clínico, pois abre uma porta para a alegria a cada vez que os velhos se apresentam e descem do Palco, porque há uma possibilidade de transformação nesse lugar de uma velhice ordinária em, cada vez mais, uma velhice extraordinária,” (Campello, 2021, p. 103).

de zona de indeterminação para algumas velhas¹⁰, vividos em encontros em que pude estar presente, levando em consideração como essas práticas tornaram-se territórios de transformação para aqueles corpos.

3.1 A bengala¹¹ do riso

10 de Abril de 2024, aniversário da professora. Naquele dia, a mestra recebeu uma visita inesperada na Oficina: uma senhora, no alto de seus 98 anos, símbolo vivo do trabalho de quase trinta anos de Campello na UNATI fez-lhe uma visita. Há algum tempo já não frequentava a UERJ por conta de questões pessoais. Durante muitos anos, D.¹² interpretou Carlitos, o personagem vagabundo do cinema criado pelo multiartista Charles Chaplin. D. amalgamou-se a Chaplin de tal forma que, quando as velhas se referem a ela nos encontros de Psicomotricidade, Arte e Memória, não se sabe onde começa D. e termina Carlitos. Anos a fio ela apresentou-se no Palco da Oficina com seu fraque elegantemente alinhado, seu chapéu coco e sua bengala. Não pude testemunhar suas apresentações neste período. Naquele dia, no aniversário da professora, estava tendo contato pela primeira vez com aquela figura bastante comentada por seus colegas devido à sua virtuosidade em atuar como Chaplin nas apresentações da Oficina.

De acordo com D., em entrevista dada à professora Cristie Campello na ocasião de sua pesquisa de doutorado que gerou a escrita de seu livro *Psicomotricidade e a criação de memórias na velhice a partir da perspectiva nietzchiana*,

Entrevistada 4: Eu, ali, eu me acho. Já faz mais de dez anos. Eu criei aquela roupa toda. Eu criei o meu Carlitos. No meu aniversário de 90 anos, as minhas colegas se vestiram e tudo e eu as chamei de meus Carlitinhos! Pois é, você vê uma coisa desta! Eu no palco da UERJ... eu me sinto ali... vou com minha bengalinha lá, não estou vendo ninguém. [...]. Quero nem saber. Adoro Palco. (Campello, 2021, p. 98).

De volta ao dia do aniversário da professora, D. adentrou o auditório 93 em uma cadeira de rodas com o apoio de sua filha. Assim que chegou, seu sorriso inundou a sala e a alegria tomou conta de suas amigas que já esperavam ansiosamente a chegada daquele símbolo de força, longevidade e poesia. Prontamente D. levantou-se e, com o apoio de uma bengala, começou a balançar o quadril, dançando, e a gritar: UNATI! UNATI! UNATI! Nesse momento, ela entra em diálogo tônico com as outras velhas,

¹⁰ Observa-se a participação massiva das mulheres nos encontros da Oficina e seu intenso engajamento nas experimentações artísticas que são propostas pela professora Cristie Campello. Alguns homens participam, mas, no cômputo final, elas são a maioria. Parte disso pode estar ligada à dificuldade que o patriarcado condiciona os homens a acessarem sua sensibilidade e estímulo à fruição/criação estética. Muitas vezes, um homem sensível é considerado menos masculino. Já as **velhas**, liberam-se de seus afazeres de cuidado a terceiros – o que geralmente é requerido a elas durante grande parte de suas vidas – e experimentam o prazer de dar vazão às suas vontades e criatividade. Além disso, os homens tendem a cuidar menos da saúde e isso acaba por acarretar em um alto índice de mortalidade entre pessoas do sexo masculino.

¹¹ Nos relatos aqui descritos, as três velhas utilizam o suporte da bengala em seu dia a dia. Entretanto, em momentos bem específicos da Oficina, o objeto foi resignificado e tornou-se lúdico.

¹² Para preservar a identidade das pessoas, utilizei letras para me referir a elas.

O contato direto com o outro é pouco aceito ou espontaneamente procurado em apenas dois tipos de situações: a agressão – prender, puxar, empurrar, desequilibrar..., e a "dança", isto é para nós, a expressão livre da música, onde espontaneamente se formam grupos que se unem dando-se as mãos, pelas costas ou pela cintura, contato que facilita um acordo, uma simultaneidade de gesto, que já é o prelúdio de um acordo tônico. A diminuição do ritmo é um meio de favorecer a passagem a um acordo, a uma comunicação mais profunda (Lapierre; Aucouturier, 1988, p. 35)

O coletivo acompanhou seu entusiasmo em um brado uníssono. Seu tônus modificou-se instantaneamente ao encontrar-se com as amigadas de longa data. Rapidamente arrumaram um local de honra para sentar-se na primeira fileira próxima à mestra.

Em certo momento da comemoração, a professora colocou em uma caixa de som a música tema do filme *Luzes da Cidade*, de Chaplin. Fazendo uma leitura bergsoniana do acontecimento, o corpo de D. entrou em contato com as inúmeras imagens apresentadas: a música, a professora, os colegas, a sala e todas as coisas (ou imagens) presentes e, nesse exato instante, sua memória foi ativada e seu corpo impelido a movimentar-se. Presumo aqui o contato daquela com imagens-lembranças de tantas outras experiências já vividas. No início, seus movimentos foram sutis, acompanhando o ritmo da música: um pequeno bailado com os braços e as mãos. Campello olha para a aluna e faz uma imitação das ações de Chaplin com a bengala, convidando-a a assumir o papel no qual a própria disse ser o lugar onde “se acha”. Em seguida, D. se levanta (mais um momento de diálogo tônico), ocupa o centro da área frontal da sala (abaixo do Palco) e gira a bengala feito Carlitos. Nesse instante, já houve um ponto de virada, uma zona de indeterminação. A bengala – um objeto cotidiano e ligado a movimentos automatizados – torna-se um símbolo de liberdade conquistada naqueles milésimos de segundo.

Em dado momento, D. diz: “Se sou velha, já não me lembro mais”. Aponta para alguém, envia um beijo, caminha girando a bengala e finaliza com um movimento de ombro, típico de Carlitos. Repetiu esses gestos algumas vezes antes de retornar ao uso cotidiano da bengala, mas as duas já não eram as mesmas (a bengala e ela), pois transformaram-se, atualizaram-se. Por fim, discursa para o público: Obrigado, Pai, por estar aqui junto com vocês! Obrigado, Pai, por viver esse momento! Eu estou feliz, graças ao bom Pai. Nós somos felizes, sabemos viver. Eu sei viver e vivo bem. Vocês também vão viver bem como eu vivi e vivo. Tá bom? (Aplausos).

Presenciar esse instante foi uma afirmação da vida.

3..2 A bengala do carnaval

Palácio do Catete, Rio de Janeiro. A UERJ estava em greve, então resolvemos comemorar o aniversário de 93 anos de uma das velhas no jardim do palácio. A escolha do local foi feita por W., agitadora de vários passeios feitos pelo grupo fora dos muros da universidade.

Naquele dia, combinamos de fazer um piquenique onde cada pessoa levaria um quitute com a finalidade de confraternizarmos. Quando chegamos no lugar, passamos por um pequeno contratempo: não havia mesas disponíveis para lanche e as velhas não se sentiam confortáveis em se sentar no chão. A partir de então, iniciou-se uma saga para encontrarmos um local que atendesse a demanda de todos os presentes na comemoração. Nesse ínterim, o grupo dispersou-se indo metade para um lado e outra metade para o outro. Vendo o caos se estabelecendo, W. ficou chateada, pois havia programado o encontro com certa expectativa de um dia

tranquilo. Por conta disso, recusou-se a sair do lugar onde estava e, apoiada em sua bengala, permaneceu sentada em um banquinho de cimento encontrado no caminho, pois não estava passando bem. Entretanto, em dado momento, esboçou a insatisfação sobre o quiprocó no passeio.

Enquanto a docente tentava convencer W. a sair do lugar onde estava para ir em direção às suas amigas, vi que as outras velhas haviam encontrado bancos de praça dispostos lado a lado, impossibilitando uma maior interação, porque os assentos estavam longe uns dos outros. Nesse momento, quase todos os velhos estavam reclamando do imprevisto enfrentado.

Sabidamente, a professora solicitou que eu fosse até aos outros velhos sentados no banco para acalmar seus ânimos enquanto ela tentava convencer W. a se locomover até o grupo. Após algum esforço, W. cedeu e concordou ir ao encontro da turma.

Pegamos três bancos e colocamos dispostos em formato de U com uma canga no centro, onde foram colocados os alimentos. Nesse momento, todos já estavam mais calmos e a alegria começou a tomar conta do lugar. Cantavam animadamente marchinhas de Carnaval. Ali o espaço psicomotor havia se estabelecido e, finalmente, havíamos administrado o conflito.

Em certa altura, tamanha agitação tomou conta do coletivo ao ponto de iniciarem uma roda ao som das marchinhas. Nesse instante, W. pegou sua bengala e com um gesto de subversão e ludicidade levantou-a. Uma visitante da Oficina que via aquilo sugeriu que pegasse uma canga e criássemos uma bandeira. Ao vestirmos a bengala, W. tornou-se uma deslumbrante porta-bandeira. Antes, o objeto que estava sendo utilizado como apoio e salientava a fragilidade daquela velha em um momento de vulnerabilidade por sua insatisfação, agora era um lindo estandarte carnavalesco ao som de uma marchinha adaptada pelas próprias velhas: – Quem sabe, sabe, conhece bem como é gostoso fazer neném!

Mais uma vez, estabeleceu-se uma zona de indeterminação na qual a liberdade fez-se presente e o que outrora estava sendo motivo de afetos negativos pôde transformar-se em uma experiência de alegria e prazer.

Necessitamos de um certo tempo para transformar aquele transtorno. Nesse sentido, a passagem deste demonstra-se como uma aliada para que memórias imagem-lembrança sejam acessadas e possam converter-se em motivo de potencialização da vida, pois “[...] Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. [...]” (Bergson, 2006, p. 90). A situação desagradável daquele dia ter sido precedida por um momento descontraído e leve de confraternização, embalado pelas marchinhas de Carnaval em um local repleto de natureza, fez com que essas imagens pudessem estabelecer um espaço de autonomia e criatividade em W., pois estávamos inseridos em um tempo outro comprometidos inutilmente uns com os outros.

3.3 A bengala com H

L. e eu estamos minutos antes de entrar em cena. A professora Campello havia sugerido compormos uma dupla de palhaços, pois sabia que faço palhaçaria e que L. já havia dado vida ao palhaço Carequinha em algum momento das Oficinas da UNATI. Ainda nos bastidores, vejo um certo desconforto nela e pergunto: Está tudo bem? e ela responde: - Estou com um pouco de dor. Encontrei uma cadeira para ela e aguardamos o momento exato de entrar em cena.

L. sempre chega nos dias de apresentação empurrando uma mochila com rodas e apoiada em sua bengala. Seu tom de voz é suave e seus gestos delicados, é uma pessoa muito doce e agradável de se lidar. Tamanha foi minha surpresa quando a vi pela primeira vez no Palco da Oficina transmutando-se em Ney Matogrosso, dançando e dublando a canção "Homem com H". Era inacreditável, muito provavelmente porque eu carregava concepções preconceituosas sobre o envelhecimento e sobre seu estado de saúde. À minha frente não via, e não vejo, todas as vezes que tenho o prazer de testemunhar sua performance, as dores ou a fragilidade que às vezes aparecem em certos diálogos entre ela e mim (Claro, tudo bem essas fragilidades estarem lá, fazem parte do percurso). O meu arrebatamento se deu pela capacidade de transformação daquele corpo quando em contato com a potência de Ney Matogrosso.

Enquanto dança, é colocado atrás dela o vídeo do cantor se apresentando e, surpreendentemente, ela consegue sincronizar seus movimentos aos dele. Sua movimentação é aberta ao público e seus passos, apesar de miúdos, são vigorosos. Desse modo, não posso deixar de pensar na fusionalidade e ao mesmo tempo na singularidade apresentada na cena descrita. Assim como D. e Carlitos, não se sabe exatamente onde começa Ney Matogrosso e termina L. e, simultaneamente, os dois dançam de maneira única dentro das possibilidades que seus corpos oferecem.

Por meio da dança, L. entra em relação com sua própria imagem corporal e a ressignifica na relação com o corpo de Ney Matogrosso. Essa dobra, entre o cantor e ela, permite descobertas sobre si mesma, porque

Por meio da Dança, o indivíduo fortalece a descoberta de si mesmo, forma uma imagem corporal arraigada de signos, possibilita um contato seguro com a sociedade. De acordo com o pensamento de Barros (2005), o corpo ao longo do trabalho educativo e da vida em sociedade se transforma no palco de imagens corporais construídas a partir das referências/modelos ao qual o indivíduo é submetido, ocorre então, a descoberta e compreensão de si mesmo, que lhe é revelado no instante em que se reconhece como 'ser' único, que reage às diversas inter-relações estabelecidas nos corpos (seu e dos outros) – busca por sua própria existência, motivos de existir – processo que possibilita encontrar e entender os seus próprios porquês. (Silva; Alexandre. 2014, p. 21)

Na dança, a bengala desaparece por alguns minutos e o que se vê é um corpo pleno cheio de afetos e imagens atravessando sua corporeidade. A zona de indeterminação parece-me surgir da relação intensa de L. com a vibração da música e as próprias imagens produzidas por Ney Matogrosso. É uma performance extremamente relacional.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho de conclusão de curso adota uma abordagem metodológica que se entrelaça entre a pesquisa cartográfica e a narrativa. A pesquisa cartográfica foi utilizada como ferramenta para mapear os acontecimentos e descrever o "território" da Oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória, tanto no seu aspecto físico quanto no seu aspecto simbólico e afetivo. Este mapeamento incluiu a observação participante durante as aulas, o registro detalhado das atividades desenvolvidas e a identificação dos fluxos de afeto e das dinâmicas relacionais entre os participantes. A

cartografia, nesse sentido, permitiu visualizar e compreender a complexidade do espaço da Oficina e as transformações que nele ocorrem.

Complementando a abordagem cartográfica, a metodologia narrativa ofereceu uma via para dar voz e sentido às experiências vividas. As narrativas dos participantes da Oficina, incluindo a do próprio autor do trabalho, foram valorizadas como fontes de conhecimento e de compreensão das experiências vividas. Para isso, foram consultadas anotações das aulas nas quais o autor participou como estagiário na Oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória. Adicionalmente, foram realizadas análises de vídeos pessoais do pesquisador arquivados na nuvem do Google Drive, com o intuito de criar detalhadamente os três relatos relacionados às velhas D., W. e L., buscando captar nuances de suas expressões, movimentos e interações.

A fundamentação bibliográfica da pesquisa se baseou em conceitos-chave de Henri Bergson, como memória pura, memória-hábito e imagem-lembrança, além do conceito de zona de indeterminação como espaço de liberdade e autonomia para os velhos. A filosofia bergsoniana forneceu um arcabouço teórico essencial para a análise das experiências vivenciadas na Oficina e para a compreensão da relação entre corpo, memória e tempo. Além de Bergson, foram consultados autores da Psicomotricidade como Aucouturier, Lapierre, Campello e Ribas, cujas obras enriqueceram a análise com perspectivas específicas sobre o desenvolvimento psicomotor e a intervenção com pessoas velhas.

Esta escolha metodológica reflete a natureza complexa e multifacetada do objeto de estudo, que envolve as dimensões psicomotoras das vivências dos velhos em diálogo com a filosofia bergsoniana. A combinação da pesquisa cartográfica e da narrativa permitiu explorar tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos da experiência na Oficina, oferecendo uma compreensão mais completa e profunda do fenômeno investigado. A análise das anotações, dos vídeos e da bibliografia permitiu construir uma narrativa coerente e reflexiva sobre as experiências vividas e as transformações observadas na Oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória da UNATI/NUCEH/UERJ.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas experiências relatadas na Oficina Psicomotricidade, Arte e Memória, torna-se evidente o potencial da Psicomotricidade para criar zonas de indeterminação na vida de pessoas velhas, promovendo a desautomatização de comportamentos e padrões emocionais. As histórias de D., W. e L. demonstram como a interação com a arte (o cinema, o teatro, a música e a dança) e as memórias, aliadas ao ambiente de acolhimento e afetividade da Oficina, podem transformar o uso de objetos cotidianos, como a bengala, em símbolos de liberdade, expressão e vitalidade. Essas experiências desafiam a visão estereotipada do envelhecimento como um período de declínio e passividade, revelando a capacidade dos velhos de se reinventarem, redescobrirem suas potencialidades e viverem com intensidade e alegria.

A abordagem psicomotora focada na memória, na alegria e na liberdade se mostra um caminho valioso para a promoção da autonomia e do bem-estar na velhice. Ao criar espaços onde os velhos se sentem seguros e encorajados a expressar suas emoções, compartilhar suas histórias e explorar seus corpos de maneira criativa, a Oficina proporciona oportunidades para a ressignificação de suas experiências de vida e para a construção de novas narrativas sobre si mesmos. A transformação da

bengala, um objeto associado à fragilidade, em um instrumento de dança, de expressão artística e de conexão com o outro, é um exemplo dessa ressignificação.

A filosofia de Bergson, com sua ênfase na memória como força viva e atuante no presente, oferece um arcabouço teórico rico para a compreensão das experiências vivenciadas na Oficina. A memória não é apenas um registro do passado, mas também um elemento que transforma o presente e abre possibilidades para o futuro. Ao acessar suas memórias por meio do movimento, da arte, os velhos podem se reconectar com suas paixões, seus sonhos e seus desejos, encontrando novas formas de se expressarem e de se relacionarem com o mundo. As zonas de indeterminação criadas na Oficina permitem que eles experimentem um tempo outro, um tempo de liberdade e de criação, no qual o automatismo da vida cotidiana é suspenso e novas formas de ser e de agir emergem.

Em suma, o trabalho desenvolvido na Oficina Psicomotricidade, Arte e Memória demonstra que o envelhecimento pode ser um período de grande vitalidade, criatividade e transformação. Ao oferecer um espaço de escuta, de afeto e de estímulo à expressão corporal e emocional, a Psicomotricidade se revela uma ferramenta poderosa para a promoção da saúde integral e do bem-estar na velhice. As experiências relatadas neste trabalho são um convite à reflexão sobre as possibilidades do envelhecer e um incentivo à criação de espaços onde os velhos possam se sentir valorizados, respeitados e encorajados a viverem suas vidas plenamente.

REFERÊNCIAS

AUCOUTURIER, Bernard. **O Método Aucouturier: fantasmas de ação e a prática Psicomotora**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2011.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins e Fontes, 2011.

_____. **Memória e vida: textos escolhidos por Gilles Deleuze**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: WMF, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam—os: limites discursivos do sexo**. Crocodilo edições. 1ª ed. São Paulo, 2019

BOSI, Ecléa. **A substância Social da Memória**. In: BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. Cap. 1. p. 13-48.

CAMPELLO, Cristie de Moraes. **Psicomotricidade: e a criação de memória na velhice a partir da perspectiva nietzschiana**. Buenos Aires: Ediciones Corpora, 2021.

_____. Alegria: uma aventura em trânsito. **Boletim de Pesquisa Nelic**, [S.L.], v. 18, n. 29, p. 142-154, 5 set. 2018.

FONSECA, Vitor da. **Neuropsicomotricidade: ensaios sobre as relações entre corpo, motricidade, cérebro e mente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018

FURTADO, Sandra Regina Sahb *et al.* Caminhos da história e da memória:: a universidade aberta da terceira idade da uerj. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, p. 275-287, 01 fev. 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. **A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

NIQUETTI, Ricardo. **Devir-velho: um envelhecer para além dos modelos**. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Ciências Sociais Aplicadas, Puc - Sp, São Paulo, 2009.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Revista Sala Preta**. n. 07, p. 57-65, 2007.

TRINDADE, Rafael. **O cone da memória**. 2020. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2019/02/13/bergson-o-cone-da-memoria/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

SILVA, Paulo César da; ALEXANDRE, Alexa Costa de Freitas. Dança: Imagem corporal e a descoberta de si mesmo. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**. n. 09, p. 19-39, 2014.

RIBAS, José Angél Rodríguez. Os conceitos operacionais. In: **Psicanálise para psicomotricistas: uma orientação corpórea para a educação e a clínica**. Buenos Aires: Corpora, 2020. p. 167-204.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às velhas e aos velhos da UNATI, em específico, da Oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória, amigos que carregou no coração.

Agradeço à minha orientadora Professora Dra. Cristie Campello de Moraes por sua amizade, afeto, escuta, conhecimento e generosidade. Conhecer-lhe e conhecer a Oficina de Psicomotricidade, Arte e Memória e a filosofia de Henri Bergson foram acontecimentos transformadores em minha vida.

Agradeço aos docentes da Pós-Graduação em Educação Psicomotora por toda a dedicação, sensibilidade e afeto em nossos encontros.

Agradeço à coordenadora do curso Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer por sua incansável dedicação, carinho e generosidade.

Agradeço aos amigos que fiz na Pós-Graduação em Educação Psicomotora. Partilhar este caminho com vocês foi muito mais gostoso.

Agradeço à Dra. Martha Aracy Lovisaro do Nascimento, por minha formação em Psicomotricidade Clínica, e Me. Laryane Carvalho Lourenço da Silva, por ser uma de minhas formadoras em Gerontopsicomotricidade. Orgulho por fazerem parte da minha trajetória. A vocês, toda a minha admiração.

Agradeço ao meu companheiro de vida Grassi Santana. Você é minha alegria em dias de sol e meu alento em dias chuvosos.

Agradeço à minha irmã por sua cumplicidade e amor ao longo de uma vida.

Agradeço aos meus pais, Maria de Lourdes Miguez e Milton da Conceição Filho. Meu amor por vocês é eterno. Sei que estão comigo, apesar da distância.